

A TEMPESTADE

— KATE CHOPIN ¹

— ALEXANDER BARUTTI AZEVEDO SIQUEIRA ²

PREÂMBULO À TRADUÇÃO DE “A TEMPESTADE”, DE KATE CHOPIN

Apesar do estilo objetivo e da linguagem simples, traduzir um conto da escritora estadunidense Kate Chopin (1854-1904) está longe de ser uma tarefa isenta de desafios. Por trás da aparente simplicidade, encontra-se um vocabulário preciso, a palavra justa, que, da parte ao todo, do micro ao macro, constitui os duplos sentidos, caracteriza os personagens, ajuda a construir a ambientação e, ao fim e ao cabo, cria o senso de coesão e unidade indispensável ao gênero conto. A escolha cuidadosa das palavras também está subordinada à necessidade de cada tema trabalhado: em um conto como “A tempestade” (1898), a linguagem, cujos duplos sentidos são fundamentais para o clima de erotismo, mostra a influência do tempo que Chopin viveu na Louisiana, traços do dialeto Cajun e, sobretudo, a rusticidade da vida no tempo – os personagens empregam, além dos galicismos, uma linguagem que não se enquadra plenamente à norma-padrão. O registro linguístico do falar dos personagens permite entrever pistas do lugar de onde vêm e da classe a que pertencem, aspecto de especial importância em uma narrativa breve.

No conto escolhido para tradução, é possível observar elementos relevantes da obra de Kate Chopin, como o erotismo latente, o ponto de vista feminino e a revisão do papel da mulher na sociedade. Também é possível notar a influência de Maupassant: no conto, observa-se uma curva dramática característica do contista francês – a estabilidade inicial, o início da tensão, o clímax, a resolução da tensão e, enfim, o retorno à situação inicial, porém transformada.

A tradução da obra de Chopin, em domínio público, se justifica por sua contribuição ao conto estadunidense, uma vez que lhe traz um novo matiz: Chopin foi uma contista versátil, com narrativas que remetem a diferentes vertentes do conto, além da maupassantiana, como no caso de “A tempestade”; seu olhar crítico do papel da mulher na sociedade é um tema que reforça a atualidade da autora. Finalmente, a tradução se justifica também pela ainda reduzida disponibilidade da obra da autora em português.

[1] Kate Chopin (1850-1904), escritora estadunidense que se notabilizou por seus contos, nos quais aborda a experiência e a vida interior das mulheres no sul dos Estados Unidos. É considerada uma das precursoras da literatura feminista e destacada representante da tradição literária sulista estadunidense. Entre suas principais obras, podem-se citar os contos “A história de uma hora” e “A tempestade” e o romance *O despertar*.

[2] Alexander Barutti Azevedo Siqueira, mestrando do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP. Bacharel e licenciado em Letras pela mesma instituição. Atua como tradutor, revisor e preparador desde 2010.

Para levar a cabo a tarefa da tradução, não deixamos de considerar as diferentes questões debatidas nos estudos tradutológicos, como a invisibilidade do tradutor, as abordagens estrangeirizante e domesticadora, bem como o funcionalismo; sem, entretanto, tomarmos um partido *a priori*. Nossa preocupação foi encontrar alternativas na língua de chegada para os diferentes registros de linguagem, manter as marcas de oralidade e tentar produzir um *efeito* próximo daquele que imaginamos que o texto original poderia produzir no leitor – missão que sabemos ser fadada ao fracasso, mas que tentamos cumprir mesmo assim, renunciando a qualquer pretensão de sermos invisíveis. Nesse sentido, a ideia de tradução como transcrição, proposta por Haroldo de Campos, tem grande influência em nossa abordagem, na medida em que buscamos retrazar o percurso criativo na composição do conto e recriá-lo na língua de chegada. A desvantagem de não termos o gênio da escritora e tampouco a possibilidade de acessar o efeito produzido originalmente não nos impede, todavia, de embarcar em uma recriação do texto, procurando respeitá-lo tanto quanto nosso objetivo de oferecer, em língua portuguesa, uma experiência de leitura tão completa quanto a do leitor de língua inglesa, inclusive para fins acadêmicos.

Também é importante frisar que, não obstante considerarmos a tradução um exercício criativo e artístico, que traz algo de renovador para o texto – inevitavelmente, a tradução constitui uma reescrita, em um outro tempo, carregando, no nosso caso, marcas das transformações pelas quais a língua passa ao longo do tempo –, em uma perspectiva semelhante à de Ezra Pound, não pretendemos aqui “perfumar a rosa”, despir o texto original de eventuais aparas em favor de uma tradução mais elegante.

Do ponto de vista prático, estabelecemos os seguintes critérios: preservamos os períodos tais como no original; substituímos aspas por travessão; repetições e redundâncias foram preservadas; procuramos manter o ritmo do texto, observando quando a autora opta ou não por vírgulas e pontos-e-vírgulas, mas *não utilizamos as vírgulas exatamente como no original*. Em vez disso, atentamos para, além do ritmo, os diferentes sistemas de pontuação do inglês e do português: seguimos a gramática portuguesa quando Chopin segue a inglesa, e abdicamos da gramática de manual em favor do ritmo quando a autora assim pareceu decidir. Estrangeirismos foram mantidos como no original.

A TEMPESTADE

I

As folhas estavam tão paradas que até Bibi pensou que ia chover. Bobinôt, que estava acostumado a conversar em perfeita igualdade com seu filhinho, chamou a atenção da criança para certas nuvens sombrias que rolavam do oeste com uma intenção sinistra, acompanhadas de um troar mal-humorado e ameaçador. Eles estavam na loja do Friedheimer e decidiram permanecer ali até que a tempestade passasse. Lá dentro, sentaram-se sobre dois barris vazios. Bibi tinha quatro anos e parecia muito sábio.

- A mamãe vai ficar com medo – ele sugeriu, com os olhos piscando.
- Ela vai fechar a casa. Talvez a Sylvie esteja ajudando ela[3] esta noite – Bobinôt respondeu, tentando tranquilizá-lo.
- Não; ela não tá com a Sylvie. A Sylvie tava ajudando ela ontem – pipilou[4] Bibi.

Bobinôt se levantou e, indo até o balcão, comprou uma lata de camarões, dos quais Calixta gostava muito. Em seguida voltou para o seu poleiro[5] no barril e se sentou, impassível, segurando a lata de camarões enquanto a tempestade estourava. Ela chacoalhou a loja, que era de madeira, e pareceu arrancar grandes pedaços de terra no campo ao longe. Bibi pôs a mãozinha sobre o joelho do pai e não estava com medo.

[3] A incorreção gramatical se deve ao objetivo de manter, aqui e sempre que necessário, a oralidade dos diálogos, presente no texto original.

[4] *Piped.*

[5] *Perch.* O filho pipila, o pai senta-se em um poleiro.

[6] Ao optar por “dar-se conta”, pareceu melhor omitir *suddenly*.

II

Calixta, em casa, não sentiu inquietação pela segurança deles. Sentava-se à janela, costurando furiosamente na máquina de costura. Estava bastante ocupada e não percebeu a tempestade que se aproximava. Mas sentia-se muito quente e com frequência parava para secar o rosto, onde o suor se acumulava em grandes gotas. Ela afrouxou a gola branca. Começou a escurecer e, ao se dar conta da situação,[6] levantou-se apressada e saiu pela casa fechando janelas e portas.

Lá fora, na pequena varanda, havia pendurado as roupas de domingo de Bobinôt para secar e correu para apanhá-las antes que a chuva caísse. Assim que pisou no lado de fora, Alcée Laballière entrou cavalgando pelo portão. Ela não o vira muitas vezes desde o casamento, e nunca sozinha. Ficou ali parada com o casaco de Bobinôt nas mãos, e os grossos pingos de chuva começaram a cair. Alcée

conduziu o cavalo sob o abrigo de uma projeção lateral onde as galinhas haviam se juntado e lá havia arados e uma grade niveladora empilhados no canto.

– Posso esperar na sua varanda até a tempestade passar, Calixta? – ele perguntou.

– Pode entrar, seu Alcée.

A voz dele e a dela sobressaltaram-na como se tirando-a de um transe, e ela agarrou o colete de Bobinôt. Alcée, montando até o alpendre, apanhou as calças e agarrou a jaqueta bordada do Bibi, que estava prestes a ser levada por uma ventania repentina. Ele expressou a intenção de permanecer do lado de fora, mas logo ficou evidente que seria o mesmo que ficar embaixo da chuva: a água martelava sobre o teto e formava cascatas nas beiradas, e ele entrou, fechando a porta atrás de si. Fez-se necessário até colocar algo sob a porta para manter a água lá fora.

– Meu Deus! Que chuva! Faz uns dois anos que não chovia desse jeito – exclamou Calixta, enquanto enrolava um pedaço de anagem e Alcée a ajudava a enfiá-lo na brecha.

Ela estava com uma silhueta mais cheia comparado a cinco anos antes, quando se casou; mas não perdera nada de sua vivacidade. Seus olhos azuis ainda pareciam derreter-se; e seu cabelo loiro, desarrumado pelo vento e pela chuva, enrolava-se mais teimoso que nunca ao redor de suas orelhas e têmporas.

A chuva martelava sobre o telhado baixo, com uma força e um estardalhaço que ameaçavam abrir caminho e inundar a casa. Eles estavam na sala de jantar – a sala de estar – a sala de utilidades em geral. Adjacente a ela ficava o quarto de Calixto, com a cama do Bibi junto à sua. A porta estava aberta, e o quarto, com sua monumental cama branca, as cortinas fechadas, parecia escuro e misterioso.

Alcée se atirou em uma cadeira de balanço e Calixto nervosamente começou a pegar do chão os cortes do tecido de algodão que ela estivera costurando.

– Se continuar assim, *Dieu sait* se os diques vão aguentar! – ela exclamou.

– De que lhe importam os diques?

– Importam o suficiente! E tem o Bobinôt com o Bibi lá fora com essa tempestade – se ele pelo menos não tiver saído do Friedheimer!

– Vamos torcer, Calixta, para que Bobinôt tenha juízo o bastante para não sair em meio a um ciclone.

Ela foi até a janela com uma expressão de grande perturbação no rosto. Limpou o vidro, que estava embaçado com a umidade. O calor era sufocante. Alcée se levantou e se juntou a ela na janela, olhando por cima de seu ombro. A chuva caía aos borbotões, obscurecendo a

vista das cabanas ao longe e envolvendo a mata distante em uma névoa cinza. A atuação[7] dos relâmpagos era incessante. Um raio acertou uma alta amargoseira no limite do campo. Um clarão cegante preencheu todo o espaço e o estrondo pareceu invadir até o assoalho em que pisavam.

Calixta cobriu os olhos e, com um grito, cambaleou para trás. Alcée envolveu-a com o braço e, por um instante, trouxe-a para perto de si espasmodicamente.

– *Bonté!* – ela gritou, livrando-se do braço dele e se afastando da janela. – A casa é a próxima! Se eu pelo menos soubesse onde o Bibi tá! – Não queria saber de se controlar; não queria saber de sentar. Alcée segurou os ombros dela e olhou no seu rosto. O contato com o corpo dela, quente, palpitante, quando a abraçou sem pensar, excitou a antiga paixão e o desejo por sua carne.

– Calixta – ele disse –, não fique assustada. Nada pode acontecer. A casa é muito baixa para ser atingida, com tantas árvores altas por perto. Isso! Não vai se acalmar? Hein, não vai? – Afastou o cabelo dela do rosto, que estava quente, soltando vapor. Os lábios dela estavam vermelhos e úmidos como sementes de romã. O pescoço branco e o vislumbre de seus seios firmes e cheios perturbaram-no poderosamente. Conforme ela ergueu o olhar para ele, o medo em seus olhos azuis deram lugar a um brilho lânguido que inconscientemente traía um desejo sensual. Ele olhou nos olhos dela e não pôde fazer outra coisa senão juntar seus lábios aos dela em um beijo. Isso o lembrou de Assunção.

– Lembra – em Assunção, Calixta? – ele perguntou em voz baixa, entrecortada pela paixão. Oh! Ela lembrava; pois em Assunção ele a havia beijado e beijado; até os sentidos dele quase falharem, e para salvá-la recorreria a uma fuga desesperada. Ainda que não fosse uma pombinha imaculada naquela época, ainda estava inviolada; uma criatura apaixonada cuja fragilidade se tornara sua defesa, contra a qual a honra dele o impedia de prevalecer. Agora – bem, agora – os lábios dela pareciam de certa forma livres para serem provados, bem como o pescoço branco e roliço e os seios, ainda mais brancos.

Não ouviam as torrentes desabando, e o rugido dos elementos a fazia rir nos braços dele. Ela era uma revelação naquela alcova escura, misteriosa; tão branca como a cama em que se deitava. A carne firme, elástica, que conhecia pela primeira vez seu direito natural, era como um lírio leitoso que o sol convida a contribuir com seu sopro e seu perfume para a miríade da vida no mundo.

A abundância generosa da paixão dela, sem malícia nem trapaça, era como uma chama branca que penetrava e encontrava resposta em profundezas da natureza sensual dele que nunca antes foram alcançadas.

[7] *The playing.* A ideia parece ser a de uma peça, em que os relâmpagos desenvolvem um papel.

Quando ele tocou os seios dela, eles se entregaram em êxtase palpitante, convidando os lábios dele. A boca dela era uma fonte de leite. E quando ele a possuiu, pareceram desfalecer juntos na fronteira do mistério da vida.

Ele permaneceu aconchegado nela, ofegante, atordoado, enervado, com o coração batendo como um martelo sobre ela. Com uma das mãos ela segurou a cabeça dele, os lábios tocando suavemente a testa dele. A outra mão acariciava com um ritmo apaziguador seus ombros fortes.

O rugido dos trovões estava mais distante e diminuindo. A chuva batia suavemente nas telhas, convidando-os ao entorpecimento e ao sono. Mas não ousaram capitular.

A chuva havia acabado; e o sol transformava o mundo verde e cintilante em um palácio de pedras preciosas. Calixta, na varanda, observou Alcée ir embora sobre o cavalo. Ele se virou e sorriu para ela com o rosto iluminado; e ela ergueu seu belo queixo e riu alto.

III

Bobinôt e Bibi, arrastando-se para casa, pararam na cisterna para se fazerem apresentáveis.

– Meu Deus! Bibi, que que a sua mãe vai dizer! Você devia sentir vergonha. Você devia ter colocado as calças boas. Olha pra elas! E a lama no seu colarinho! Como é que você sujou de lama seu colarinho, Bibi? Nunca vi um menino assim! – Bibi era o retrato da resignação, digno de pena. Bobinôt era a personificação da solicitude, muito sério, enquanto se esforçava para remover de sua própria pessoa e da do filho os sinais da longa travessia sobre estradas lamacentas e campos encharcados. Ele raspou a lama das pernas e dos pés do Bibi com um graveto e cuidadosamente deixou as botinas livres de vestígios. Então, preparado para o pior – o encontro com uma dona de casa excessivamente escrupulosa –, entraram com cautela pela porta dos fundos.

Calixta estava preparando o jantar. Havia posto a mesa e estava passando o café. Ela se sobressaltou quando eles entraram.

– Oh, Bobinôt! Você tá de volta! Meu Deus! Eu tava preocupada. Onde vocês tavam durante a chuva? E o Bibi? Ele não tá molhado? Não tá machucado? – ela agarrou o Bibi e o beijou efusivamente. As explicações e pedidos de desculpa de Bobinôt, que ele estivera preparando ao longo de todo o caminho, morreram nos lábios dele conforme Calixta o examinava para ver se estava seco, sem expressar nada além de satisfação por terem voltado em segurança.

– Trouxe uns camarões pra você, Calixta – ofereceu Bobinôt, sacando a lata de sua ampla algibeira e colocando-a sobre a mesa.

– Camarões! Oh, Bobinôt! Você é tão bom! – E deu um beijo barulhento na bochecha dele, que ressoou. – *J’vous répons*, vamos fazer um banquete esta noite! Uhm!

Bobinôt e Bibi começaram a relaxar e aproveitar, e quando os três se sentaram à mesa riram tanto e tão alto que daria para ouvi-los na propriedade do Laballière.

IV

Alcée Laballière escreveu à esposa, nessa noite. Era uma carta de amor, cheia de terna solicitude. Disse a ela que não se apressasse, que, se ela e as crianças tivessem gostado de Biloxi, que ficassem mais um mês. Ele estava se virando bem; e, apesar de sentir a falta deles, estava disposto a aguentar a separação um pouco mais – a saúde e o prazer deles eram a primeira coisa a se considerar.

V

Da parte de Clarisse, ficou encantada ao receber a carta do marido. Ela e as crianças estavam bem. A companhia em que estavam era agradável; muitos de seus velhos amigos e conhecidos estavam na baía. E ver-se à vontade pela primeira vez desde o casamento pareceu restaurar a liberdade prazenteira dos dias de solteira. Devotada como era ao marido, a intimidade da vida conjugal era algo de que ela estava mais do que disposta a se afastar por algum tempo.

Assim a tempestade passou e todo mundo estava feliz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOPIN, K. *The Storm*. Disponível em: <https://americanliterature.com/author/kate-chopin/short-story/the-storm>. Acesso em: 31 jul. 2023.

MILTON, J. *Tradução: teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

POUND, E. *ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix, 2014.

PYM, A. *Explorando as teorias da tradução*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TÁPIA, M.; NÓBREGA; T. M. (org.). *Haroldo de Campos: transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2015.